

Asurini à beira da morte

# Hidrelétrica, Xamanismo e tuberculose

**Berta G. Ribeiro**  
Museu Nacional - UFRJ  
Bolsista do CNPq

Os Asurini são um grupo tupi que conta dez anos de contato direto com agentes da sociedade nacional, representados pelos funcionários do órgão oficial de tutela. Em 1971 eram 78 índios divididos em duas aldeias. Atualmente estão reduzidos a 54, vivendo à beira do igarapé Ipiacava, margem direita do médio Xingu, a 4 horas de barco a motor abaixo da localização anterior, onde foram contactados.

O PORANTIM apresenta partes de uma pesquisa levada a efeito pela Antropóloga Berta G. Ribeiro em março/abril de 1981, que faz parte do estudo "Artes têxteis indígenas".

## OS ASURINI DO XINGU

O levantamento dos locais de nascimento dos atuais Asurini, confirma a crônica de que a ocupação mais antiga seria do rio Bacajá, afluente da m.d. do Rio Xingu. Dai teriam-se deslocado, por pressão dos Kayapó-Xikrin, primeiro ao Ipiacava, depois ao Piranhaquara e deste, ao Ipixuna, sempre perseguidos por aqueles índios. Devem ter tido escaramuças também com escassos moradores brancos do beirão do Xingu. No igarapé Ipixuna teriam vivido algum tempo (10 a 15 anos, segundo um informante, Takamuin). Foram expulsos desse rio por um ataque fulminante dos Araweté (Araraba), acoados, por sua vez, pelos Xikrin e Parakanã. A fuga foi tão rápida que os Asurini deixaram lá o produto de suas roças e os haveres mais preciosos, não podendo levar nem mesmo sementes e mudas de plantas tradicionalmente cultivadas.

Obtivemos do índio Takamuin, as causas-mortes da primeira geração ascendente em linha direta e alguns parentes colaterais dos atuais Asurini, exceto dos indivíduos com idade estimada acima dos 45 anos. A amostra compreende 70 indivíduos, representando pais, cônjuges, irmãos e filhos falecidos da atual população Asurini.

## CAUSAS—MORTES DE PARENTES DOS ATUAIS ASURINI

Mortos por:

Kayapó-Xikrin: 9, por Araweté: 11, por brancos: 2, por doenças: 42, por parto: 2 e por morte natural: 4.

O quadro mostra que de um total de 70 mortos, a cujo respeito obtivemos informações, 42, ou seja, 60% foram vitimados por doenças (malária, gripe, febre — explicitadas dessa forma pelo informante) transmitidas pelos brancos. De morte natural faleceram apenas 4 índios, correspondendo a 0,5% do total. Os óbitos motivados por parto, que as mulheres Asurini tanto temem, representam uma média muito baixa nesse cômputo: dois apenas. Vinte índios (quase 30%) foram vitimados por conflitos com grupos vizinhos, tangidos para o território Asurini por pressão da sociedade nacional.

Os dados levantados mostram que a população Asurini deve ter montado a cerca de 150 índios há meio século, isto é, por volta de 1930. Chega-se a essa cifra, somando aos 54 índios atualmente existentes, os 70 falecidos de que se tem notícia e adicionando-se a esse número os pais e outros parentes de índios com idade estimada acima de 45 anos, cuja causa-morte e local de falecimento nosso informante desconhece.

A prática do aborto, provavelmente intensificada nos últimos dez anos pós-contato, devido aos grandes vazios demográficos, que destruíram a sociedade Asurini, parece ter sido corrente entre as gerações mais velhas. Isso se infere pelo fato de que, das 7 mulheres com mais de 50 anos de idade, apenas uma procriou. Ela é a única de sua geração a ter dois filhos vivos.

Dos homens vivos, da faixa etária entre os 40 - 45 anos, um apenas (Murabô) é pai de três filhos de três mulheres diferentes, duas delas falecidas. Na geração dos homens de mais de 45 anos, num total de cinco, nenhum teve filhos, vivos ou mortos. Dentre as mulheres dessa geração — acima dos 40 anos — num total de seis, nenhuma procriou.

## VAZIO DEMOGRÁFICO

O decréscimo da população Asurini foi registrado por Regina Müller. Os números são muito expressivos:

1971 — 76 índios  
1975 — 58 índios  
1976 — 60 índios  
1977 — 56 índios  
1981 — 54 índios

O índice de mortalidade, segundo Müller, foi de 20% entre 1971 e 1977. O de natalidade, 0,05% no período. Nossos dados indicam, se se admite uma população de 150 índios na década de 1930, uma redução a cerca da metade dessa população no início da década de 1970, época do contato, e de dois terços nos últimos 50 anos.

A sociedade Asurini que vimos em março/abril de 1981, dez anos após o contato, não representa, certamente, o que ela deve ter sido quando autônoma. É uma comunidade destruída, enferma, desolada, possuída de forte sentimento de



Murumunak, único Asurini, do sexo masculino, na faixa de 0 a 15 anos de idade. (Foto Frederico Ribeiro)

derrota. A memória dos Asurini mais velhos registra seu deslocamento do Bacajá ao Ipiacava, ao Piranhaquara, ao Ipixuna e sua volta ao Ipiacava por força da pressão sobre eles exercida por tribos mais numerosas e mais aguerridas.

## DOMÍNIO GERONTOCRÁTICO

Trata-se do que poderia ser chamado "domínio gerontocrático" da sociedade Asurini. Examinando as relações de parentesco e os casamentos vigentes e passados dos Asurini remanescentes no P. I. Koatinemo, verifica-se que prevalecem uniões entre homens maduros e/ou velhos e mulheres jovens, quase adolescentes, não raro a união de mãe e filha com um homem idoso, bem como casamentos de homens jovens com mulheres maduras às quais se deve, com poucas exceções, a pequena geração infantil e adolescente existente na aldeia.

Segundo Regina Müller, que há 5 anos vem estudando todos os aspectos da cultura Asurini, sobretudo suas elaboradas práticas xamanísticas, o casamento ideal é de uma mulher com um homem jovem e outro idoso, sendo a concepção atribuída a ambos. Ao cônjuge mais velho incumbe, porém, a responsabilidade pelo bem estar dos rebentos. Na atualidade, esse ideal não é cumprido. Trata-se, aparentemente, de um mecanismo de compensação retardada, que deve ter funcionado a contento quando a sociedade Asurini contava com razoável número de membros, divididos em grupos locais que realizavam essa troca de mulheres. A persistência desse mecanismo, somada aos claros demográficos abertos numa geração procriativa e aos traumas provenientes das lutas intertribais e do contato com o branco deve ser responsabilizados pela inusitada contenção demográfica da sociedade asurini. O ideal de que o homem exerça a função procriativa na sua fase juvenil e a mulher na fase madura da vida é, nas condições atuais, desastroso.

A contenção demográfica é ainda favorecida pelo fato de o nascimento de uma criança representar um aumento de carga para cada grupo doméstico, hoje muito reduzido. Até que caia o cordão umbilical, os pais não se levantam da rede. A água do banho lhes é trazida. Os familiares preparam os poucos alimentos que podem ingerir: jaboti branco, cotia, mutum, mingaus. Pai e mãe se abstêm de realizar qualquer tipo de trabalho artesanal (com exceção dos colares *mombaka* no caso dos homens) até a criança começar a andar. Até a adolescência, a criança é cercada de carinhos contribuindo muito pouco para a economia doméstica.

A regra de residência é teoricamente matrilocal. Mas a mulher jovem casada, mesmo quando não mora na casa materna, é sempre ajudada e acompanhada pela mãe. Quando morre a mãe, o filho é entregue aos parentes desta, mesmo quando tenha pai vivo (caso de Takiri).

## A ATIVIDADE XAMANÍSTICA

O elevado papel social da mulher jovem é expresso também por sua participação no ritual. O mais importante é o rito *mbaraká* ligado à atividade xamanística, que tem um peso enorme na vida social dos Asurini. À semelhança de outros grupos tupi, a pajelança representa uma das características mais sobressalentes da orientação cultural das tribos dessa extração lingüística-cultural. Entre os Asurini de hoje, a pajelança é praticada por 50% da população adulta masculina, tendo como auxiliares no rito todos os homens jovens e a totalidade das mulheres sem filhos.

Durante nossa estadia na aldeia, assistimos à iniciação de um novo pajé, Mboaiwa. As cerimônias ligadas à sua cura da moléstia que assinalou sua predestinação a esse ofício, prolongaram-se por todo o mês de março e abril. Foram performadas numa casa para a qual o futuro pajé foi trasladado, de estilo tradicional, e onde sua mulher, mais velha que ele, também pajé, e a filha desta, o acompanharam noite e dia. Ai se realizaram os ritos que, começando às vezes ao por do sol, prosseguiram noite a dentro, até a manhã seguinte. A participação mais ativa era a dos pajés já formados que se revezavam, com seus auxiliares, a eles aparentados por laços de afinidade ou consaguinidade, mesmo porque eram vencidos pelo cansaço físico. Cada performance inclui dança, canto e reza.

As mulheres e homens jovens que participam mais da pajelança ativamente, noites seguidas, deixam de realizar as tarefas ligadas à subsistência, sendo praticamente mantidos pela comunidade como um todo. Durante o período de sua iniciação, o futuro pajé se abstém de caçar, pescar, ir à roça, tomar banho no rio. Só pode comer mingau de mandioca, que as mulheres jovens lhe preparam. As pessoas envolvidas no ritual caçam e pescam para ele e seus familiares, uma vez que só pode alimentar-se de mutum e certos peixes. É obrigatória a abstinência sexual.

Essa pajelança prolongada e exaustiva é ao mesmo tempo uma religião salvacionista, porque nela se baseia a proteção da tribo e a sua sobrevivência e uma atitude auto-destrutiva, nas condições atuais, porque interfere na vida econômica e social dos índios, mobilizando-os por um tempo demasiado longo em uma atividade improdutiva. Exige um esforço sobrehumano dos pajés para entrar em transe, a ponto de perderem os sentidos. Numa comunidade minada pela tuberculose isso é fatal.

Para contrapor esses aspectos negativos, sobreleva o papel social dessa prática: de congraçamento, integração e reforço do ethos tribal. E ainda o aspecto de entretenimento da pajelança, que mobiliza a comunidade, lhe proporciona um sentimento de unidade, de unicidade e de proteção, vinda de dentro.

## SUBSISTÊNCIA

Do ponto de vista econômico, os Asurini são principalmente agricultores, não só pela variedade dos cultivos, o tamanho das roças e a elaboração da culinária baseada em plantas cultivadas. São também pescadores, mas com flechas pouco especializadas para esse fim. Pescadores de igarapés, onde, no verão não têm pacu e outros peixes de escama, os mais apreciados, que migram para o Xingu, e que se abstêm de consumir peixes de couro, como a pirarara e o surubim, a não ser em casos de grande penúria.

São também coletores. Alguns produtos de coleta têm enorme importância em sua alimentação: a castanha do Pará que, ao lado da farinha de mandioca e de milho, representa o alimento mais constante e disponível nas quadras de carência. No verão, (agosto, setembro), consomem ovos de tracajá e a própria tartaruginha, igualmente coletada e não "caçada". O valor do jaboti é ressaltado pela quantidade de desenhos decorativos do corpo e dos artefatos em que ele é fixado. Os Asurini não chegam ao requinte dos caboclos da região, seringueiros, castanheiros e gateiros que mantêm currais de jabotis para os tempos magros. Eles os penduram de cabeça para baixo nos toldos e assim os conservam dias e até semanas, até serem consumidos.

Pescadores sem canos, uma vez que antigamente faziam uma espécie de jangada de troncos de bananeiras para atravessar os igarapés, ou estendiam pontes de uma à outra margem, aprenderam a fazer canoas nesses últimos dez anos após o contato com a sociedade nacional. Fazem-nas do modelo regional, com proa, popa e tábuas para os passageiros, adornadas de seus desenhos de pintura corporal. O remo, de lâmina arredondada e muito fina, com cabo em muleta, é também aprendizagem recente. Sua habilidade em trabalhar a madeira (arcos, bancos, pilões) capacitaram-nos a fazer esses implementos de navegação, à perfeição. Vivendo junto a pequenos igarapés praticam, na vazante, a pesca com timbó. Temem os grandes rios. Banham-se com cuias. Os mais velhos não sabem nadar. Preferem, para beber, a água clara das cacimbas e dos pequenos igarapés.

Tampouco podem ser considerados caçadores. É pequena a variedade de flechas que possuem: ponta de osso de queixada, de madeira lisa e de taquara lanceolada. Além desse armamento pobre, auto-restringem o consumo da variedade disponível de caça a poucas espécies: dentre os roedores, apenas a cotia; dos mamíferos, principalmente a queixada; dentre as aves, todos os galináceos (mutum, jacu, inhambu) e poucos mais. O macaco é caçado apenas para a utilização dos dentes nos colares e para dar sua carne aos gaviões criados na aldeia.

A relação das plantas cultivadas e o número de cultivares confirma a suposição de que se trata de um povo agricultor, por excelência, com ênfase mais no milho e na batata doce, que na mandioca. Da mandioca brava (maniaka) conhecem apenas 7 cultivares, enquanto que os índios do alto Rio Negro conhecem 40.

PESQUISA ANTROPOLÓGICA

O grande saber agrícola dos *Asurini* parece estar no conhecimento da batata doce. Ditaram-me os nomes de 20 cultivares. Destes, conservam a metade, tendo perdido a outra metade quando forçados a deixar o Ipixuna. Parece que nessa ocasião tiveram a oportunidade de trazer sementes de milho, cultivando 9 variedades distinguidas por diferentes designações. Do cará mantêm apenas dois cultivares, tendo perdido seis outros no Ipixuna. A maioria dos cultivares de feijão também ficou no Ipixuna: dos 8 conhecidos, os *Asurini* conservam um apenas. Agora plantam algodão cujas sementes lhes foram dadas por Akarai (brancos, o pessoal do Posto). Do amendoim conhecem apenas uma espécie, cujas sementes foram trazidas pelo sertanista Antonio Cotrim Soares. Cultivam 11 espécies (cultivares?) de banana, tendo perdido duas no Ipixuna. O urucu, outro produto cultivado em suas roças, só existe de uma espécie no Ipiçava, tendo ficado outras duas no Ipixuna. (1) Além do amendoim, a única planta recebida dos civilizados foi a melancia que adquiriu nome em *Asurini*: *dzeruarana*. Com estes aprenderam também a consumir o abacaba e o açaí.

Como se vê, os *Asurini* atuais cultivam em suas roças 11 produtos. Destes, conhecem 76 cultivares, trinta dos quais ficaram no Ipixuna.

Como se vê, a subsistência dos *Asurini* é baseada mormente na agricultura, que pode ser considerada intensiva, considerando-se a baixa tecnologia empregada e a reduzida mão-de-obra disponível. Com efeito, esta população de 54 pessoas, com uma força de trabalho de 46 indivíduos (19 homens e 27 mulheres), cultiva cerca de 38 hectares, ou seja 2,8 hectares por homem-mulher/ano de área lavrada.

Talvez por isso, a mulher tenha importante papel social na estrutura *Asurini*, uma vez que, dentro da divisão de trabalho prescrita, o homem contribui, como sua tarefa agrícola específica, apenas na derrubada da mata. Na prática, colabora na broca, que precede a derrubada. Faz a queima e a coivara, ajuda no plantio e na colheita e, até mesmo no transporte do produto, mas não na sua elaboração em alimento.

CONCLUSÕES

Tribo de 54 pessoas. Poucos velhos. Poucas crianças. Casamentos instáveis. Nove xamãs. Chefia difusa. Como pode funcionar uma sociedade com tão pouca gente para operar o ritual, atualizar a mitologia, entender o mundo em torno.

Para entender um povo é preciso buscar causas e razões em sua história. A conquista e colonização do Brasil foi facilitada pela animosidade entre os grupos *tupi* da costa, que às vezes buscaram a aliança do dominador luso ou francês contra os de sua grei. O mesmo ocorreu na Xinguania, onde imperava até 5 ou 10 anos o conflito entre os *Asurini*, *Araweté* e *Parakanã*, todos *tupi*.

Embora os pais dos atuais *Asurini* e seus avós não tenham usado o machado de pedra, encontrado em grande número na atual aldeia e que eles atribuem a "outros *Asurini* que foram para o céu", os *Anumá'i*, a tradição oral registra como eram usados. Colocava-se um andaime preso com cipó na parte da árvore a ser machadada e ia-se batendo devagar. Muitos machados eram quebrados nessa operação. Só derrubavam os paus finos. Os grossos ficavam em pé no meio da roça depois da queimada, iniciavam a derrubada no começo do verão (junho) e terminavam o trabalho pouco antes do início do inverno (novembro). O roubo de ferramentas nos acampamentos de seringueiros, castanheiros e gateiros deve datar de muitas décadas.

O que são os *Asurini*? Um povo agricultor, artisticamente refinado, o barro e o algodão representando seu ponto alto, ao lado das representações pictóricas aplicadas ao corpo (pintura, tatuagem), a decoração da cerâmica e da cuia. Pescadores e caçadores medíocres. Desprovidos de canoas. Alguns não sabendo nadar porque viviam junto a pequenos riachos. No entanto, seriam guerreiros. Isto comprova a tatuagem feita no homem depois da morte em combate de um inimigo. A pintura da boca (*dzuruna*- boca preta) só feita nos homens e mulheres maduros é uma exteriorização desse costume em desuso.

Quanto ao papel social da mulher, verifica-se que na sociedade *Asurini*, a divisão do trabalho e o retardamento da maternidade privilegia a mulher jovem, que é estimulada a conservar o frescor da juventude, livrando-se do encargo que representa o cuidado com imaturos e, dessa forma, melhor servir a uma camada masculina mais idosa constituída de pajés, de cujos rituais ela participa ativamente, cantando, dançando, servindo o mingau cerimonial por ela preparado.

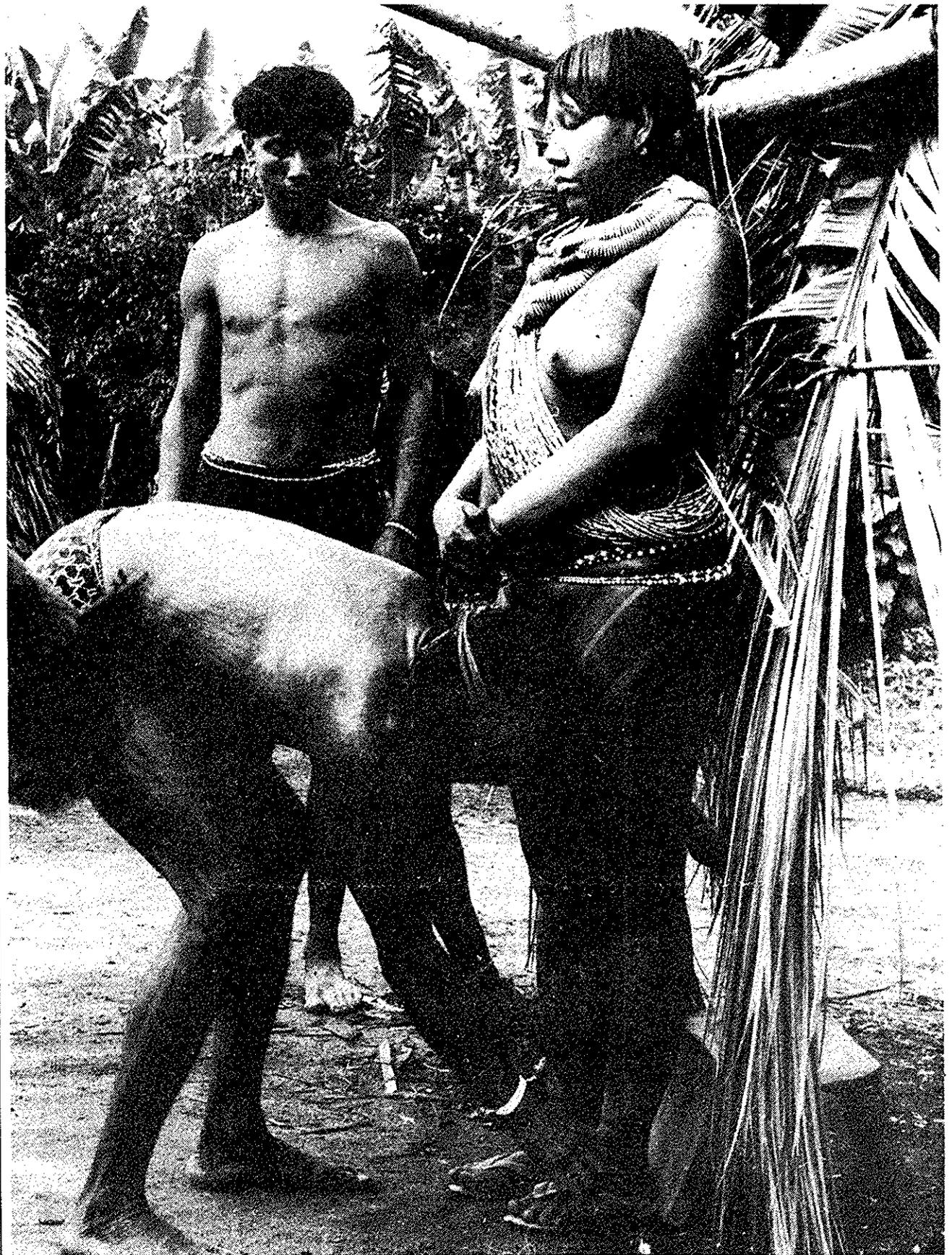
O privilégio da mulher madura é poder unir-se a um adolescente e de exercer a maternidade, tendo simultaneamente a seu lado um homem velho que com ela divide, a responsabilidade pela formação da prole. A vantagem da mulher mais velha, que já procriou, é compartilhar com a filha do mesmo homem, ficando ambos acompanhados, na velhice, por uma adolescente que, de certo modo exerce, para o homem, a função de mulher e de filha.

A mulher mais idosa também pode vir a ser pajé. Toda essa estrutura social parece congruente com a elevada posição social da mulher na esfera econômica, religiosa e artística.

Todavia, justamente estas características aristocráticas (a contenção da natalidade não deixa de sê-lo) podem representar a desapareição da orgulhosa nação *Asurini*, já tão minguada. Cada pessoa que dela se aproxima, se coloca essa indagação. Seria um suicídio étnico consciente? Usos e costumes que teriam sua eficiência em tempos passados, como forma de preservar o equilíbrio demogenético e a adaptação ao ecossistema amazônico, podem ser mantidos quando a redução da população chegou a extremos tais que ameaçam paralisar essa micro-étnica?

A intervenção do agente civilizado pode fazer-se a ponto de proibir a pajelança que inibe o desenvolvimento das atividades econômicas, ou pelo menos, do aproveitamento cabal das potencialidades de produção dos atuais *Asurini*? Ou sua coibição levaria a um colapso maior ainda a esse restinho de tribo? Representará essa pajelança exacerbada uma tábua de salvação destinada a resguardar sua identidade étnica, a salvaguardá-la para um futuro incerto? Ou ato de auto-destruição, como prenunciado pelo herói cultural dos índios *Guarani*, *Nanderuvusu*, quando anunciava que a Terra estava cansada de comer tantos cadáveres e pedia ao Criador que puzesse fim à vida, e à natureza?

É de se perguntar qual o papel da "intervenção protecionista" nessa esfera recôndita do homem que é seu pensamento mágico. Atenuar a performance xamanística? Perderia sua eficácia? É



O pajé esconjura os maus espíritos de uma protagonista do ritual *Mbaraká*. (Foto Frederico Ribeiro)

mais um problema sociológico que etnográfico. A prevalecer esta situação, dentro de dez anos o grupo se extingue, minado que está pela tuberculose. Ela é comparável à dos *Tapirapé* que em 1953 contavam com apenas 51 indivíduos e conseguiram recuperar-se.

O DILÚVIO DA HIDROELÉTRICA

Vale considerar ainda, que no presente momento, existem poucos motivos para tensão da comunidade *Asurini*. O território tribal, embora não demarcado, não está invadido, ignorando os índios naturalmente os projetos de construção da Hidroelétrica do Xingu que inundará suas terras. Os conflitos com os *Araweté* datam de 15 anos passados. As lutas com os *Kayapó* são mais antigas ainda. Assim sendo, somente o sentimento de que podem acabar como etnia, muito arraigado em seus espíritos, a falta de parceiros conjugais adequados, o desejo incessante de bens civilizados e, sobretudo, o pavor das doenças transmitidas pelos brancos, é que causam tensões na tribo.

A disputa maior é a de homens jovens por mulheres jovens e vice-versa, numa população já tão pequena e que tem poucos motivos para conflitos. Os jovens não são alegres nem brincalhões. Tampouco o são as crianças, embora muito mimadas e protegidas. As mulheres sem filhos derramam toda a sua ternura sobre bichos de estimação, principalmente macacos. As mães despejam ternura sobre filhas casadas que, de certa forma representam sua mais valia. Casando-se com um homem idoso, a filha o comparte com a mãe que assim fica protegida, mas tem de servir ambos.

PROPOSTAS

Esse esboço de interpretação da cultura e da realidade *Asurini* é, como se vê, vinculado à problemática da crise pela qual atravessa. Em função dela, a única saída, a meu ver, é uma intervenção dirigida: a) evitar novos óbitos provocados por enfermidades trazidas pelo branco; b) evitar os abortamentos provocados; c)

aproximar os *Asurini* dos *Araweté* e talvez também dos *Parakanã*, para permitir o estabelecimento de um canal de comunicação com vistas a futuras uniões férteis entre os membros das três tribos *tupi* remanescentes no médio Xingu.

A primeira providência já vem sendo tomada pelo órgão protetor desde 1978 quando foi instituído o projeto de recuperação *Koatinemo*, coordenado pela antropóloga Regina Müller. As duas outras proposições são muito mais difíceis de serem implementadas. Uma das formas de fazê-lo seria conscientizar a geração mais jovem de homens e mulheres de que a sobrevivência dos *Asurini* como grupo étnico só será possível por um ato de vontade. Que neste momento, o maior inimigo não é o branco, que tem sido mantido a certa distância do território tribal - abstração feita ao projeto já referido da Hidroelétrica do Xingu - nem seus antigos desafetos, os *Araweté* e *Kayapó*.

Através da alfabetização desses jovens deveriam ser transmitidas noções sobre o lugar das minorias étnicas indígenas na comunidade nacional, o papel da FUNAI na sua preservação, e os esforços que os próprios índios e seus líderes têm desenvolvido para lograr esse objetivo. Parece-nos não ser mera coincidência que o índio mais esclarecido entre os *Asurini* sobre o problema que vimos abordando, Takamuin, seja o que maior domínio possui sobre o mundo de fora.

A complexa situação dos *Asurini* exige, como se vê, uma atuação do órgão protetor não apenas no plano da saúde - o mais crucial, sem dúvida como também na esfera da mudança sócio-cultural. Trata-se de um tecido muito delicado que, se manipulado inadequadamente, poderá piorar a situação ao invés de melhorá-la. Por tudo isso, os funcionários da FUNAI que se encontram em contato mais próximo com esses índios devem ser alertados de que, qualquer passo em falso, representará um dano irreparável à sobrevivência dos *Asurini*.